

FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL E ESTÉTICA MARXISTA¹

Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães²
Ronaldo Marcos de Lima Araujo³

Resumo

Trata da formação humana integral na perspectiva do ser social e de uma totalidade histórica e sua relação com a estética marxista. Objetiva discutir a função ontológica da arte, o trabalho e a arte como criação e a abordagem marxista da arte para compreender a contribuição desta para formação humana numa perspectiva omnilateral, tendo o trabalho como elemento basilar. O estudo tem caráter bibliográfico, a teoria adotada, com base no materialismo histórico dialético sustenta que não é possível pensar processos de formação humana numa perspectiva omnilateral sem a arte.

Palavras-chave: Formação humana integral; Arte; Trabalho

FORMACIÓN HUMANA INTEGRAL Y ESTÉTICA MARXISTA

Resumen

Aborda la formación humana integral desde la perspectiva del ser social y una totalidad histórica y su relación con la estética marxista. Pretende discutir la función ontológica del arte, el trabajo y el arte como creación y el enfoque marxista del arte para comprender su contribución a la formación humana desde una perspectiva omnilateral, con el trabajo como elemento básico. El estudio es de carácter bibliográfico, y la teoría adoptada, basada en el materialismo histórico dialéctico, sostiene que no es posible pensar los procesos de formación humana desde una perspectiva omnilateral sin el arte.

Palabras clave: Formación humana integral; Arte; Trabajo

INTEGRAL HUMAN FORMATION AND MARXIST AESTHETIC

Abstract

It deals with integral human formation from the perspective of the social being and a historical totality and its relationship with Marxist aesthetics. It aims to discuss the ontological function of art, work and art as creation and the Marxist approach to art in order to understand its contribution to human formation from an omnilateral perspective, with work as a basic element. The study is bibliographical in nature, and the theory adopted, based on dialectical historical materialism, argues that it is not possible to think about processes of human formation from an omnilateral perspective without art.

Keywords: Integral Human Formation; Art; Labor.

¹Artigo recebido em 04/02/2024. Primeira Avaliação em 03/04/2024. Segunda Avaliação em 15/04/2024. Aprovado em 29/05/2024. Publicado em 07/08/2024.

DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v22i48.61783>.

²Doutora em Educação/Universidade Federal do Pará- Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Currículo da Educação Básica Universidade Federal do Pará, Brasil. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTTE). Email: alcidema@ufpa.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7484794171047694>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7536-5184>.

³Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professor do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Currículo da Educação Básica na Universidade Federal do Pará, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTTE). Email: rlima@ufpa.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7901626430586502>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5982-793X>.

Introdução

Este texto trata da formação humana integral na perspectiva do ser social e de uma totalidade histórica e sua relação com a estética marxista, produto da tese de doutorado defendida em 2018⁴, onde foi realizado um Estudo de Caso sobre a formação de artistas no âmbito da educação profissional⁵. A pesquisa buscou contribuir com as discussões acerca da formação humana numa perspectiva integral da classe trabalhadora.

O presente texto consiste na contribuição teórica que fundamentou o referido estudo. Para isso, discute a função da arte na sua condição ontológica, o trabalho e a arte como criação, a abordagem marxista da arte e a concepção de formação humana integral. O trabalho como mediação de primeira ordem é a categoria central que nos ajuda a compreender a arte como potência integradora no processo de formação humana.

Aqui, utilizamos a palavra “potência” de acordo com o dicionário Aurélio (2004) como “força” e “capacidade”. Na perspectiva marxista, podemos falar de capacidades ou poderes humanos em satisfazer as suas necessidades. Pois, “o ser humano real existe, para Marx, tanto como “efetividade” (o homem mercadoria, alienado) quanto como “potencialidade” (o que Marx chama de ‘o rico ser humano’)” (Mészáros, 2006, p.150).

Entendemos a essência humana em Sánchez Vázquez (2011) para quem o ser humano é um ser prático, social e histórico, três dimensões inseparáveis. Prático porque produz/cria e nesse processo produz a si mesmo, produz socialmente e num determinado tempo.

O trabalho, como mediação de primeira ordem, é a categoria central que nos ajuda a compreender a arte como potência integradora. Mészáros (2006) distingue o trabalho como mediação de primeira ordem e mediação de segunda ordem. O trabalho como mediação de primeira ordem refere-se à sua acepção ontológica como atividade produtiva fundamental da existência humana. Como mediação de segunda ordem refere-se à acepção particular, na forma da divisão capitalista do

⁴ A tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA, intitulou-se “TRABALHO, ARTE E FORMAÇÃO HUMANA: processos de integração/fragmentação no curso técnico de nível médio em Teatro da UFPA” (2018).

⁵ O estudo de caso foi publicado em artigo intitulado “Práxis artístico-pedagógica na formação de artistas na educação profissional”. Revista Cocar. V.14 N.30 Set./Dez./2020 p. 1-18.

trabalho, que por sua vez, nega a dimensão criadora do primeiro. Frigotto (2009) esclarece essa distinção feita por Mészáros:

[...] Mészáros (1981) traz uma distinção importante entre trabalho como mediação de primeira ordem, em Marx processo antediluviano entre homem e natureza, para designar sua compreensão ontológica de trabalho e mediação de segunda ordem, para designar as formas históricas que ele assume (FRIGOTTO, 2009, p.174).

A arte é entendida em Marx como trabalho, e, portanto, compõem esse complexo de mediações, a arte possui sua dimensão criadora - negada no trabalho alienado - independente da forma histórico-concreta que ela assume na sua relação com a realidade ou ideologia em que se apoia conforme sustenta Sánchez Vázquez (2011).

Analisar arte como criação, trabalho criador, e suas repercussões para a formação humana omnilateral é a tarefa que nos colocamos neste texto. Desta feita nos questionamos: qual a contribuição da arte para formação humana numa perspectiva omnilateral, tendo o trabalho como elemento basilar?

Trabalho e Arte: práxis criadora

O trabalho é o fundamento da existência humana. Pelo trabalho o ser humano transforma a natureza e cria a si mesmo. Diferentemente dos animais, o homem e a mulher têm consciência de sua atividade e define finalidades, bem como, é capaz de projetá-la, ideá-la.

O trabalho enquanto produtor de valores-de-uso, enquanto trabalho útil, é, independentemente das formas de sociedade, condição da existência do homem, uma necessidade eterna, o mediador da circulação material entre a natureza e o homem [isto é, da vida humana]” (MARX, 2014 - Seção I, Capítulo I.).

O trabalho é, portanto, uma atividade vital, porque produz coisas úteis, que satisfaz as necessidades humanas, produz valor de uso e possui um caráter ontológico, ou seja, o trabalho forma o próprio homem. Ao transformar a natureza o homem muda a si próprio e as suas relações.

O trabalho, ressalta Engels, é muito mais do que fonte de riqueza como querem os capitalistas, “o trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo

ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem” (Engels, 2016, p.1).

Estamos de acordo com Engels quando ressalta essa importância fundante do trabalho como constituidora do ser humano, mas compreendemos em Netto e Braz (2011) que a constituição do ser social não fica limitada ao trabalho.

No âmbito do materialismo histórico-dialético há uma centralidade da categoria trabalho, porém explica Netto e Braz (2011, p. 53) que “o trabalho é parte constitutiva do ser social, mas o ser social não se reduz ou esgota no trabalho”. Nesse aspecto, amplia a compreensão do desenvolvimento do ser social, pois, à medida que este alcança um nível mais elevado no seu desenvolvimento, “mais as suas objetivações transcendem o espaço ligado diretamente ao trabalho”.

Netto e Braz (2011, p.53) explicitam que novas exigências são postas ao ser humano à medida que o ser social se desenvolve, que implicam: “uma racionalidade, sensibilidade e atividade, sobre a base necessária do trabalho, criam objetivações próprias”. É então, que os autores apresentam a categoria *práxis* como mais abrangente para compreender essas novas objetivações que transcendem o universo imediato do trabalho.

Nesse caso, distingue as formas de *práxis* voltadas para uma relação direta com a natureza, o trabalho, a produção, das formas de *práxis* voltadas para influir no comportamento e na ação do homem, relação de sujeito a sujeito (Netto; Braz, 2011).

Entendemos que a arte, faz parte desta segunda forma de *práxis* em que o sujeito atua sobre si mesmo e sobre os outros, assim, afirmam os autores “verificamos a existência de esferas de objetivação que se autonomizaram das exigências imediatas do trabalho- a ciência, a filosofia, a arte, etc.” (Netto; Braz, 2011, p.53, grifo nosso).

Compreendemos também que essa autonomização não significa a negação da centralidade do trabalho, mas o reconhecimento de que o trabalho ao criar o ser humano, cria também necessidades e que estas não se constroem sem a necessária base do trabalho. Assim, a arte entendida como criação, está diretamente articulada à essência humana (prático, social e histórico) e, portanto, sua função essencial “é ampliar e enriquecer, com suas criações, a realidade já humanizada pelo trabalho humano” (Sánchez Vásquez, 2011, p. 42).

É importante destacar, que não tomamos a arte como a solução para os

problemas do capitalismo. Isso foi feito por Schiller, quando propôs uma educação estética da humanidade colocando no indivíduo a solução para os problemas que dizem respeito a uma estrutura maior do funcionamento sociometabólico do capital, tornando-se uma utopia educacional, como enfatiza Mészáros,

Para Schiller a educação estética pretendia oferecer um modelo estético que permitisse à Alemanha obter as conquistas sociais da revolução Francesa, sem uma revolução. Segundo Lukács, Schiller ressalta acima de tudo a transformação interior da vida espiritual do homem” (MÉSZÁROS, 2006, p. 264).

Não queremos, contudo, diminuir a contribuição significativa de Schiller e sua influência na constituição de uma educação estética e do ensino da arte. Queremos, com este exemplo, ressaltar que o ser social é uma totalidade, composta de subjetividade e objetividade e que, portanto, as transformações necessárias para se garantir a inteireza humana não podem tomar essas duas dimensões de forma dissociada.

A educação estética é muito importante como destaca Mészáros (2006) para se criar o órgão do consumo artístico, pois para Marx (2015, p.352) “somente pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana é em parte produzida, em parte desenvolvida a riqueza da sensibilidade humana subjetiva”, com isso depreendemos a importância e a necessidade da educação dos sentidos e a construção de novas relações sociais e culturais.

Ora, na sociedade capitalista essa educação estética é direcionada para educar sentidos subordinados aos interesses do mercado e dizem respeito a uma estetização do consumo, da atomização das individualidades e subjetividades, da criação de necessidades “fantasmagóricas”. Ou seja, não é possível pensar a educação estética descolada dos problemas estruturais que envolvem a educação no Brasil.

Na relação de tensão entre arte e capitalismo, percebemos o quanto o capitalismo hostiliza e busca subordinar a arte, esvaziando-a de sua finalidade precípua, tornando-a mercadoria. Entendemos, neste caso, que as mediações de segunda ordem são colocadas em movimento e afetam a criação artística, o gozo estético e a formação em artes.

Para Kosik o rompimento da relação trabalho e arte, impulsionada pelo avanço das relações de produção capitalista, nega a dimensão criadora do trabalho

e o opõe à criação, transformando o primeiro em “uma fadiga incriativa e extenuante” (Kosik, 1976, p. 110).

A arte é potência integradora, mas não é única e nem pode ser tomada de forma isolada das condições materiais em que ela é produzida e floresce, daí reside, nossa escolha em compreendê-la a partir do materialismo histórico-dialético, pois, ele nos afasta de perspectivas mistificadoras e fetichizadas da arte, que vê o desenvolvimento desta no ser humano como produto de talento, dom, genialidade - e acaba por reforçar uma estética da fragmentação produto da realidade social dividida em classes.

Para Marx (2015, p.352) “a formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda história do mundo até hoje”. Neste sentido, nosso estudo, ao perpassar pela estética na perspectiva marxista, cuja concepção de arte como trabalho criador, nos permitiu compreender a relação tensão entre arte e capitalismo no campo educacional e as razões de sua negação e hostilização por parte do capitalismo que cada vez mais constrói uma estética da fragmentação.

A estética marxista também é muito ampla, e por isso, realizamos recortes. No interior mesmo do marxismo as abordagens sobre a arte também têm diferentes perspectivas. Dentro do marxismo, há autores que defendem a função utilitária da arte, a função de propaganda política, de instrumento político que acabaram por constituir o realismo socialista de tendências stalinistas. O realismo socialista, era “uma ideologia que buscava justificar uma prática artística e literária de acordo com os interesses do Partido e do Estado soviético” (Sánchez Vázquez, 2011, p.438).

Em nome das dificuldades objetivas que o bolchevismo tinha de enfrentar, todas as energias humanas da União Soviética foram convocadas e logo coercitivamente mobilizadas para o trabalho político imediatamente útil. Os artistas e os escritores foram chamados a cumprir suas tarefas (KONDER, 2013, p.89).

Lukács tem sido apontado como aquele que conseguiu sistematizar e desenvolver uma estética marxista de forma lúcida e coerente cujos matizes encontram-se nas obras do próprio Marx e Engels sobretudo, na compreensão de que em toda teoria econômica de Marx-Engels está imbricada uma estética⁶.

⁶ Baumgarten (1714-1762), filósofo alemão, criou a estética como um sistema de teoria do belo. Apresenta a estética como teoria da sensibilidade, ou seja, tudo aquilo que é apreendido pelos sentidos humanos. Contribuiu para constituição da estética como disciplina autônoma (LOUREIRO, 2002, p. 22).

Portanto, articular uma estética marxista para a compreensão de processos de formação humana, nos permite na complexidade desse processo formativo - criativo, captar a essência da função da arte e as contradições na sua materialização.

Notas Introdutórias sobre a Estética Marxista

Discutir a Arte na perspectiva marxista não é tarefa das mais fáceis, uma vez que ela tem sido secundarizada e muitas vezes negligenciada no interior do próprio marxismo.

O esforço em recolocar arte no centro das preocupações e necessidades humanas, devidamente articulada a outros aspectos que envolvem a constituição deste ser, foi assumida por dois importantes marxistas do século XX, o Russo Mikhail Alexandrovicht Lifschitz e o Húngaro György Lukács, que trabalhando juntos, no Instituto Marx-Engels-Lenin em Moscou, dedicaram-se a investigar no conjunto da obra de Marx e Engels “os fundamentos para uma teoria da arte original” como explicou José Paulo Netto e Miguel Yoshida, em “nota à edição” de uma obra importante publicada no Brasil com o título “Cultura, arte e literatura: textos escolhidos” (Marx & Engels, 2012, p.7-8).

A obra, acima indicada, reúne escritos de Marx e Engels, produzidos em diferentes momentos de suas vidas que tratam da questão da arte, cultura e literatura e de alguma forma apontam caminhos e dão pistas significativas para fundamentar o que mais tarde se constituiu como “Estética marxista”, embora ressaltem Lukács e Lifschitz, Marx e Engels “jamais tenham se colocado a tarefa de pensar sistematicamente a arte (isto é, de elaborar uma estética) ” (Marx & Engels, 2012, p.7-8).

Lukács (2010) trata Engels como teórico e crítico da literatura e afirma que este o fazia determinado pelas grandes tarefas da luta da classe proletária. Lukács ressalta o papel de Engels destacando a sua preocupação centrada na influência burguesa sobre a consciência proletária e defendia, por sua vez, a grande herança que consiste na “ missão histórica e universal do proletariado de destruir o triste mundo capitalista para criar uma nova sociedade, que garanta um grandioso desenvolvimento cultural” (Lukács, 2010, p. 40).

Coube, portanto, a Lukács a sistematização de uma estética marxista, que resultou a importante obra “Estética” organizada em quatro volumes (em versão

espanhola) ainda inacessível em português para os brasileiros. De acordo com Frederico (2013, p.113) “as ideias centrais foram antecipadas no livro, concluído em 1956, *Introdução à uma estética marxista*, dedicado à categoria central da estética: a particularidade.”

De acordo com o filósofo brasileiro amazônico Benedito Nunes (2010) - que dedicou sua vida ao estudo de questões estéticas - Lukács é um dos mais lúcidos marxistas a tratar da questão da estética. O que faz Lukács ser a principal referência no debate de uma estética marxista, sem desconsiderar outros também importantes, é a sua capacidade de uma elaboração teórica profunda, fiel às fontes e que sobretudo não condiciona a compreensão da arte às tendências, mas parte do entendimento que a arte é uma forma particular de compreensão da realidade.

O que faz Lukács tão especial nesse debate é a sua dedicação por compreender o ser humano na sua ontologia, o ser social. Três anos após ter escrito a obra “Estética I (1963) passou a preocupar-se com a ontologia e a partir de então, seus estudos passaram a ser uma antologia dos estudos de Marx. Lukács sofreu influência de Kant e Hegel e seus principais interlocutores foram Weber, Marx e Hegel. Lukács em *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, escrito em 1945, esclarece categoricamente que:

Os princípios mais gerais da estética e da história marxista da literatura encontram-se, pois, na teoria do materialismo histórico. Só a partir do materialismo histórico podem ser compreendidas a gênese da arte e da literatura, as leis do desenvolvimento, as suas transformações, as linhas de ascensão e queda no interior do processo de conjunto (MARX & ENGELS, 2012, p.13).

Daí depreende-se que a arte não deve ser pensada de forma isolada do conjunto do desenvolvimento histórico, mas respeitando as suas particularidades e conexões imanentes, entendê-la no âmbito da (re) produção material e espiritual da existência humana, que em última instância é determinada pela base material da existência humana.

Analisar a arte sob o prisma do materialismo histórico-dialético exige, como alerta Lukács (2010) afastar algumas interpretações que ele considera vulgar e deformadora, quais sejam por exemplo, interpretar de forma mecânica a relação entre base econômica e superestrutura numa relação de causa-efeito, ou seja, a arte (situada na superestrutura) entendida como mero efeito da base econômica (causa).

Como dito anteriormente, a arte possui suas particularidades e conexões

iminentes, que lhe conferem uma autonomia relativa, que por sua vez afetada pelas forças sociais produtivas também produz efeitos sobre esta. “A dialética - afirma Lukács- [...] reconhece até mesmo nos dados mais elementares da realidade, complexas interações de causa e efeito” (Marx & Engels, 2012, p.13).

Sánchez Vázquez, conhecido no Brasil, principalmente por causa de sua obra *Filosofia da Práxis* (2011), também se dedicou aos estudos no campo da estética marxista. O adensamento do pensamento estético marxista culminou na obra "As Ideias estéticas de Marx" (2010) e inúmeras obras dedicadas à estética, a arte e seu destino sob o capitalismo. De acordo com este autor as questões estéticas e artísticas em Marx estão ligadas à sua concepção de homem, “[...] o homem total, já desalienado e em plena posse de suas forças essenciais. Certamente a criação artística e o gozo estético prefiguram, aos seus olhos, a apropriação especificamente humana das coisas e da natureza humana” (Sánchez Vázquez, 2010, p.11-12).

Sánchez Vázquez (2010, p.89) destaca também o papel da prática na estética marxista, afirmando que esta, é o fundamento da relação estética e da criação artística. “[...] segundo essa concepção, a arte como trabalho superior é uma manifestação da atividade prática do homem, graças à qual este se expressa e se afirma no mundo objetivo como ser social, livre e criador”. Nestes termos, corrobora Lukács na introdução do livro de textos reunidos “*Cultura, arte e literatura*”, de Marx e Engels,

A ideia central do marxismo, no que se refere à evolução histórica é a de que o homem se fez homem diferenciando-se do animal através do seu próprio trabalho. A função criadora do sujeito se manifesta, por conseguinte, no fato de que o homem se cria a si mesmo, se transforma ele mesmo em homem, por intermédio do seu trabalho, cujas características, possibilidades, graus de desenvolvimento, etc, são determinados pelas circunstâncias objetivas, naturais ou sociais. Este modo de conceber a evolução histórica está presente em toda visão marxista da sociedade e também, na estética marxista (MARX & ENGELS, 2012, p. 14).

A tese cara ao marxismo de que o ser humano se humaniza mediado pelo trabalho é a base que sustenta toda a estrutura de uma estética marxista. Para Mészáros “a estrutura de referência comum é o homem como um ser natural que é ativo a fim de satisfazer as suas necessidades, não apenas econômicas, mas também artisticamente”, é, portanto, a capacidade criadora do ser humano que

orienta toda a compreensão de uma estética marxista que se opõe à estética do realismo socialista (Mészáros, 2006, p.174).

Mészáros em *A teoria da Alienação em Marx* ao discutir os aspectos da alienação (econômicos, políticos, ontológicos, morais e estéticos) toma como ponto de partida para a análise dos aspectos estéticos a constatação de que a “criação e o gozo artísticos foram profundamente afetados pela alienação” e contrapondo-se ao que ele chama de “ouvidos afinados com o utilitarismo” destaca que

As considerações estéticas ocupam um lugar muito importante na teoria de Marx. Estão elas tão intimamente ligadas a outros aspectos de seu pensamento que é impossível compreender adequadamente até mesmo a concepção econômica sem entender suas ligações estéticas (MÉSZÁROS, 2006, p.173).

A questão estética tem a sua importância filosófica e teórica sobretudo porque trata de “uma dimensão essencial da existência humana” e da cultura (Sánchez Vázquez, 2010, p. 12). *Os Manuscritos Econômicos Filosóficos de 1844* de Marx é considerada a obra que contém os elementos fundamentais de sua estética. E, conforme esclarece Frederico (2013) Lukács foi o único autor marxista do século 20 “que se reclamou herdeiro direto da ontologia esboçada em 1844 e se dispôs a desenvolver as ideias estéticas nela presente” (Frederico, 2013, p. 56).

Lukács (1968), ao prefaciar a sua obra *Introdução a uma estética marxista*, esclarece a importância de se discutir aprofundadamente a categoria, que ele considera, central da estética: a particularidade. Além disso, trata da “especificidade do fato estético [...], a sua diferença em relação ao reflexo científico da realidade objetiva e em relação ao reflexo que se realiza na vida cotidiana, e, os problemas do Reflexo Estético” (Lukács, 1968, p.1).

Konder referindo-se a Lukács esclarece “[...] a ciência funda a nossa consciência histórica, ao passo que a arte funda a nossa autoconsciência histórica. A arte antropomorfiza o real em sua representação: a ciência desantropomorfiza (KONDER, 2013, p. 137). A diferença entre reflexo científico e reflexo estético é esclarecido por Infranca, nestes termos,

[...] Lukács, entende o espelhamento artístico e científico como postura ativa para com a realidade, e não como mera reprodução fotográfica. Todo espelhamento da realidade concentra-se no objeto, a diferença entre espelhamento científico e espelhamento estético consiste no fato de que no primeiro demanda-se uma concentração sobre a realidade em si da forma mais pura possível, tendo assim um

processo de desantropomorfização da realidade; no segundo, o complexo dos objetos está em relação com a subjetividade, dando lugar a um processo de antropomorfização (INFRANCA, 2014, p.129).

Importante ressaltar que Sánchez Vázquez (2010) amplia o entendimento sobre o reflexo artístico e alerta que só é possível falar dele quando a arte cumpre função cognoscitiva, ou seja, como uma forma de conhecimento – ainda assim, precisa ter explícita a distinção entre reflexo científico e reflexo artístico - e ao mesmo tempo, revele, “ o caráter específico da realidade refletida, papel peculiar do sujeito na relação estética, funções próprias da imaginação, dos sentidos, da emoção e do pensamento nessa relação” e que, portanto, a arte não pode ser reduzida a seu valor cognoscitivo (Sánchez Vázquez, 2010, p.17).

No livro “*Marxismo e teoria da literatura*” são reunidos escritos de Lukács em momentos diferentes, a sua análise criteriosa e rigorosa pautada no materialismo histórico- dialético sobre a arte e literatura o situa como um dos mais importantes estudiosos da estética marxista, seja pela sua análise lúcida, pela clara tomada de posição a favor de uma arte realista, essencialmente autêntica, nem “livre”, nem “dirigida”, seja pelo profundo conhecimento da literatura e de seus clássicos, sendo estes marxistas ou não.

Realiza no conjunto de textos apresentados, uma análise minuciosa por dentro do marxismo, apontando aqueles que conseguem objetivamente trabalhar a Arte como reflexo da realidade e produzir uma composição literária que acompanha o movimento dinâmico da própria realidade, assim como, identifica aqueles influenciados pela decadência do capitalismo que capitulam na perspectiva de uma arte dirigida, fatalista, descritiva, subjetivista, individualista e apologética e acabam por perder a autenticidade da arte.

Konder (2013) brasileiro, discípulo de Lukács com quem se comunicava por meio de cartas, dentre as suas várias obras, escreveu o livro “*Os marxistas e a arte*” onde destaca a concepção e as diferenças de vários marxistas acerca da arte. Konder “defende a arte como herança cultural da humanidade, do humanismo” e entende a “arte como um modo particular de totalização dos conhecimentos obtidos na vida” (Konder, 2013, p.12).

Diz Konder (2003, p.17) que “como toda concepção do mundo, o marxismo possui a sua própria teoria estética, que integra, de modo geral, a sua teoria do

conhecimento”. E, por isso mesmo, tem seu lugar próprio, sua necessidade de compreensão e interpretação articulada a essa teoria marxista mais ampla. Neste sentido, enfatiza que diferentes posições foram se formando no interior do marxismo e reivindicando representar uma estética marxista, ainda que contraditória com a doutrina estética do marxismo (Konder, 2013, p.17).

No sistema Hegeliano, a arte constituía-se parte de um estágio inferior que seria superado pela religião e depois pela filosofia, Marx e Engels, por sua vez, reabilitaram os sentidos humanos, historicizando-os e possibilitando com isso, a “valorização do conhecimento artístico” e da “humanização dos sentidos na formação humana” (Konder, 2013, p. 38-39).

Em síntese, a estética marxista tem como base fundante a tese de que o ser humano se humaniza mediado pelo trabalho, um ser humano ativo que busca satisfazer suas necessidades econômicas e artísticas. A arte, neste caso, representa a positividade do trabalho. O trabalho como atividade vital do ser humano está em contradição com as condições de produção capitalista que negam sua dimensão criadora.

A arte é trabalho criador “[...] essa concepção da arte como criação, por seu caráter universal, se contrapunha a toda concepção que reduzisse a arte a determinada forma histórico-concreta (fosse o realismo ou outra)”, destaca Sánchez Vázquez (2011, p. 438).

A estética marxista, na perspectiva que adotamos, tem como referência a concepção do ser humano como ser social, prático, criador, trabalhador e histórico. Para isso, a *práxis* é a categoria mais abrangente, para entendê-la nos processos de objetivações, que transcendem as exigências imediatas do trabalho. Os princípios mais gerais da estética marxista encontram-se na teoria do materialismo histórico-dialético (Mészáros, 2006).

Formação humana integral e a necessidade da arte e da cultura

Os processos de formação humana integral, na perspectiva do ser humano como ser social e uma totalidade histórica, neste texto, estão relacionados à ideia de formação humana omnilateral, que no plano da luta hegemônica, está associada aos interesses da classe trabalhadora.

A necessidade em compreender processos de formação cuja referência seja o ser humano na perspectiva do ser social e uma totalidade histórica concreta, nos permite a aproximação com a relação trabalho-arte como eixo fundamental de processos formativos integradores. A arte como trabalho criador constitui esfera fundamental da vida humana.

A educação dos sentidos possibilita o desenvolvimento amplo do sujeito e que, portanto, a arte pode contribuir de forma significativa na formação das crianças, das juventudes e dos/as trabalhadores/as e por isso mesmo ela é negada. Em uma perspectiva de formação integrada, as artes cumprem papel fundamental, porque além de sua potência emancipatória, ela é também, reveladora da diversidade sociocultural, da identidade, da constituição subjetiva e objetiva da sociedade, do mundo, da natureza, da espiritualidade e das relações sociais.

Como pensar processos de formação humana que levem em conta a arte com sua função humanizadora e o trabalho como princípio educativo, em sistemas educacionais cujas finalidades estão cada vez mais empenhadas ao atendimento das demandas e necessidades do mercado, onde o conceito de trabalho é reduzido a emprego e a arte ao lazer, e quando se separa escola para a classe trabalhadora e seus filhos e escola para as classes dirigentes, instaurando-se dois modelos de escolas?

No enfrentamento às perspectivas de formação humana adestradora, estreita e fragmentada, propõe-se uma escola unitária e formação humana omnilateral, politécnica ou tecnológica, com vistas à emancipação humana. Gramsci (1991, p.118) a seu tempo, falou da necessidade de uma “escola desinteressada” e “formativa”. Para ele é preciso pôr fim à separação entre o *homo faber* e *homo sapiens* e organizar a escola e seu programa de tal forma que favoreça “o estudo, a capacidade de pensar, de dirigir e controlar quem dirige”. Para isso, defendeu uma “escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual”, pois não aprendemos somente com a cabeça, aprendemos com o corpo todo, aprendemos como seres humanos totais (Gramsci, 1991. p.136).

Saviani (2007, p.164) ao tratar sobre o vínculo ontológico-histórico da relação trabalho e educação, reafirma a importância da construção de um ensino politécnico,

entendido como “os fundamentos científicos das múltiplas técnicas que caracterizam a produção moderna”, trata-se da “união entre formação intelectual e trabalho produtivo”. Para Mészáros (2008, p.10) “pensar a educação tendo como parâmetro o ser humano exige a superação da lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo, no lucro, na competição seus fundamentos”. No campo contra hegemônico está a concepção que toma o trabalho como princípio educativo para a definição de políticas e estratégias de educação para os trabalhadores e a arte como potência integradora nos processos formativos.

Tomar o trabalho como princípio educativo, significa, em primeiro lugar, compreender que este, dada a sua importância e centralidade para a vida humana, constitui-se “[...] num dever e num direito”. Um dever a ser aprendido, socializado desde a infância. [...] um direito, pois é por ele que pode recriar, reproduzir permanentemente sua existência humana (Frigotto, 2001, p.74).

É essa dimensão criadora e livre do trabalho que precisa ser ensinada nas escolas, que deve orientar os processos pedagógicos, contrapondo-se às formas como ele apresenta-se nas sociedades capitalistas. Pensar a formação humana unilateral significa contrapor-se a essa lógica de empobrecimento dos sentidos e potências humanas. A concepção de formação humana unilateral se insere num projeto societário que visa superar o capitalismo e busca dar conta de todas as dimensões humanas e suas condições objetivas e subjetivas reais (Frigotto, 2012).

No campo educacional brasileiro, Frigotto (2010), Ciavatta (2005, 2014), Ramos (2005), Machado (2013), Araujo, Rodrigues e Silva (2014) opõem-se a processos de formação humana fragmentadores e caminham na direção e na defesa de um ensino integrado, não somente na forma, mas sobretudo no conteúdo, ou seja, um ensino onde busca a formação dos seres humanos por inteiro, uma formação completa, ampla, que potencializa todas as dimensões humanas e corrobora para emancipação do trabalhador e da trabalhadora.

Nesses termos, depreendemos que a arte ao tomar o ser humano em sua totalidade e o trabalho como princípio educativo, ambas práxis criadoras, corroboram fundamentalmente para se pensar processos de formação humana unilateral, onde os seres humanos possam desenvolver todas as dimensões do seu ser, tomar consciência de sua desumanização e sentir necessidade de sua inteireza.

Portanto, compreendemos que o trabalho, a arte e a cultura constituem elementos fundantes no processo de formação humana. E, que, portanto, não é possível pensar e/ou defender uma educação numa perspectiva emancipatória desconsiderando-os. Para além disso, é preciso que se pense também situado na cultura de onde emergem determinadas expressões da arte.

Considerações Finais

Iniciamos este texto questionando sobre a contribuição da arte para formação humana numa perspectiva omnilateral, tendo o trabalho como elemento basilar. Discutimos a arte como trabalho criador, discorremos sobre a concepção de arte na perspectiva marxista, a sua dimensão ontológica e finalizamos afirmando que não é possível pensar processos de formação humana numa perspectiva omnilateral sem a arte. Daí depreendemos a importância e a complexidade em compreender a arte na formação de trabalhadores e trabalhadoras e de seus filhos e filhas, que em sua maioria estão nas escolas públicas.

Para as crianças e jovens advindas das classes populares, o seu primeiro contato com a arte, acontece na escola. A arte e seu ensino, com sua função humanizadora e integradora, corrobora para o desembrutecimento humano educando os sentidos para a criação e fruição da obra de arte, opondo-se a processos de formação humana fragmentados que subordinam as suas finalidades educativas aos interesses do mercado, pois a vida reduzida a mera utilidade no âmbito do capital, também produz sentidos empobrecidos.

Para Marx (2015, p, 350-351) “não só pelo pensar, mas com todos os *sentidos* afirma-se, portanto, homem no mundo objetivo”. Neste caso, o desenvolvimento dos sentidos e da sensibilidade que se manifesta na criação e fruição da obra de arte, tem sido negado aos trabalhadores e seus filhos, seja na escola, seja no campo ou cidade, pouco democráticas do ponto de vista cultural.

Assim, afirmamos que, não é possível pensar processos de formação humana numa perspectiva omnilateral, sem arte, pois a arte ao tomar o ser humano em sua totalidade opõe-se às perspectivas miserabilizadoras do ser humano, constituindo-se como potência integradora e, portanto, fundamental à formação humana.

Referências

ARAUJO, R. M. L.; RODRIGUES, D. S; SILVA. G.P. Ensino integrado como projeto político de transformação social. **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v. 23, n.1, p. 161-186, jan-abr, 2014.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Ensino médio Integrado: concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

CIAVATTA, M. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral. Por que lutamos? Revista: **Trabalho & Educação**. Belo Horizonte, v. 23, n.1, p. 187-2005, jan-abr, 2014.

ENGELS, F. **Transformação do macaco em homem**. Disponível <http://www.marxists.org/portugues/index.htm>. Acesso em 15 de janeiro de 2016.

FREDERICO, C. **A arte no mundo dos Homens: o itinerário de Lukács**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

FRIGOTTO, G. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.19, n.1, p. 71-87, jan./jun. 2001.

FRIGOTTO, G. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, n. 40, jan/abr. 2009.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 6ªed. São Paulo: Cortez, 2010.

GRAMSCI. A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Ed. Cortez, São Paulo, 1991.

INFRANCA. A. **Trabalho, Indivíduo e História**. O conceito de trabalho em Lukács. Tradução: Chistianne Basilio e Silvia de Bernardis. Marília: Oficina Universitária Unesp, São Paulo: Boitempo, 2014.

KONDER, L. **Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista**. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LOUREIRO, J. de J. P. **Elementos de Estética**. 3ª Ed. Belém: EDUFPA, 2002.

LUKÁCS, G. **Introdução à uma estética marxista**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Cecília Neves e Alderico Toríbio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOSIK, K. **Marxismo e teoria da literatura**. Seleção, apresentação e tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, K; ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**: textos escolhidos. Tradução de José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 2ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

MARX, K. **O Capital**, I, Seção I, Capítulo I Mercadoria. <http://www.marxists.org/portugues/marx/index.htm>. Acesso em 25 de agosto de 2014.

MARX, K. **Cadernos de Paris & Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844**. [trad. José Paulo neto e Maria Antonia Pacheco]. 1ªEd. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MÉSZÁROS. I. **A Teoria da Alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS. I. **A educação para além do capital**. Tradução Isa Tavares. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MACHADO, L. R. de S. Saberes tecnológicos, teoria da atividade e processos pedagógicos. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 22, n.1, p.77-93, jan./abr. 2013.

NUNES, B. **Introdução à filosofia da arte**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2003.

NETTO, J. P; BRAZ, M. **Economia Política**: uma introdução. São Paulo: Cortez, 2011.

RAMOS, M. Possibilidades e desafios na organização do currículo integrado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.) **Ensino médio Integrado**: concepções e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ. A. **As ideias estéticas de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ. A. **Filosofia da Práxis**. Tradução de Maria Encarnación Moya. 2ª ed. –Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais - Clacso. São Paulo: Expressão Popular, Brasil, 2011.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.12, n. 34, jan/abr. 2007.